

## A CIDADE DO RECIFE: O PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL COMO ATRATIVO TURÍSTICO

Cristiane Maria NEPOMUCENO\*

*E finalmente chegamos ao mar, a Recife, destino de nossa viagem, síntese de todas as aldeias, síntese de todas as vidas, síntese de todos os sabores...*

**Maria Lectícia Monteiro Cavalcanti**

A cidade do Recife sempre figurou no imaginário nordestino como o lugar das inovações e das mudanças, onde tudo chegava ou acontecia primeiro. Tradicional pólo de desenvolvimento econômico e cultural, exerceu enorme fascínio por tudo que oferecia, não apenas em termos de negócios, mas, também, por sua efervescência cultural, por seus teatros, cinemas, círculos de debates literários e estabelecimentos educacionais, enfim, pela vida e pelas idéias que pulsavam em suas ruas, cantos e recantos.

Imagetivamente edificada como um lugar de incremento econômico, progresso científico e pioneirismo cultural, tornou-se o espaço adequado para acomodar tanto uma elite econômica e intelectual, como os pobres flagelados vindos de todas as partes do Nordeste.<sup>1</sup> Dessa mistura, além de muitas outras, ergueu-se o Recife, uma cidade peculiar de grandes contrastes. Se ao longo da sua história atraiu os empresários e comerciantes que a tornaram próspera, os intelectuais, artistas e poetas que a credenciaram como berço de grandes movimentos de vanguarda cultural,<sup>2</sup> também atraiu os *Severinos* e inovou ao

---

\* Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Campus I – Campina Grande). Doutora em Ciências Sociais (Área de Concentração: Cultura) pelo PPGCS/UFRN. Pesquisa financiada pela CAPES.

<sup>1</sup> A cidade do Recife foi durante muitos anos a grande metrópole, o centro econômico do Nordeste. Se desde a década de 60 do século XX vinha sofrendo abalos na sua estrutura econômica devido à Reforma Fiscal de 67, na década de 80, é totalmente apanhada pela crise geral da economia brasileira, sofre uma grave estagnação econômica. Situação agravada pelo grande fluxo migratório do interior nordestino que a atinge em cheio fazendo a cidade inchar. A década de 90, se é que era possível, foi pior, sofre uma gravíssima crise de desindustrialização. Suas indústrias, principalmente seu pólo têxtil, atraído por isenção de impostos, migram para outras capitais nordestinas: Salvador, Fortaleza e Natal.

<sup>2</sup> A cidade do Recife foi berço de muitos movimentos culturais, dentre eles o *Movimento Regionalista*, iniciado na década de 20 do século XX e que procurava preservar a cultura nordestina para que não sofresse descaracterizações por influências de valores externos e tem na figura de Gilberto Freyre um dos seus principais expoentes. Outro movimento marcante no universo literário aconteceu a partir da segunda metade

transformá-los nos *homens-caranguejo* que hoje povoam seus mangues. E, num processo de simbiose, continua por criar novos tipos, padrões e estilos socioculturais.<sup>3</sup>

O título de cidade anfíbia advém não apenas do fato de se encontrar instalada às margens do oceano Atlântico, mas, sobretudo, de ser cortada por cinco rios (Beberibe, Capibaribe, Tejipió, Jaboatão e Pirapama) e algumas dezenas de canais. “Situada sobre uma planície aluvional (fluviomarinha), constituída por ilhas, penínsulas, alagadas e manguezais envolvidos pelos braços dos rios” (RESENDE, 2002, p. 188). Essa compleição natural lhe conferiu uma paisagem peculiar e um cenário pitoresco, ficou sua área central formada por ilhas (três) interligadas por pontes, tornando-se a cidade do Recife detentora de um “desenho urbano diferenciado”, reflexo tanto de sua geografia natural como da conjunção das múltiplas etnias que a moldaram ao longo da sua evolução histórica.<sup>4</sup> É nesse espaço pitoresco que hoje a cidade do Recife busca o reconhecimento internacional através do turismo histórico e cultural, procurando atrair pela riqueza arquitetônica, pela história e primordialmente pela riqueza de suas manifestações culturais.

Na cidade do Recife, o passado e o presente se confundem, estão fortemente entrelaçados. No dizer de Raimundo Arrais (1988), tudo que acontece no Recife resulta de uma espécie de conjunção com seu passado histórico, ou seja, nada acontece no presente sem está relacionado com seu passado. Sendo uma das primeiras povoações do Brasil,<sup>5</sup>

---

da década de 60, depois denominado *Geração 65*. Este movimento iniciado em plena ditadura militar se caracterizava pela forma como os escritores utilizaram seus textos para realizar suas denúncias sociais e falar de política. São representantes dessa geração: Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Carlos Pena Filho, Mauro Mota e tantos outros que escreveram contagiados pelo ideal de uma cultura nacional; suas produções eram de protesto e marcada por profundo realismo social. Nos dias atuais, vem sendo cenário para um amplo movimento de revalorização da cultura popular que se espalha por toda a região Nordeste.

<sup>3</sup> “Severino” é o nome atribuído ao retirante nordestino pelo poeta João Cabral de Melo Neto, em seu auto de natal: *Morte e vida Severina*; no qual fala sobre a gente que vem do “Sertão” em busca de vida melhor e acaba por viver no meio da lama catando e comendo “siris”. Estes mesmos homens recebem do médico e geógrafo Josué de Castro a denominação de “homem-caranguejo”.

<sup>4</sup> “O Recife se transformou numa verdadeira Torre de Babel. As suas ruas, praças, templos e bodegas foram tomadas por holandeses, noruegueses, belgas, flamengos, ingleses, alemães, escoceses, dinamarqueses, e judeus; estes últimos divididos em sefardins, oriundos da Península Ibérica, e askenazins, procedentes do norte da Europa. (...) Esses estrangeiros tiveram ainda de conviver com mazombos, como eram chamados os naturais do Brasil, espanhóis, italianos, ameríndios e negros escravos trazidos da costa africana.” Esta citação de Leonardo Dantas Silva, em um texto que fala sobre a invasão holandês entre os anos de 1630 e 1654, dá idéia das múltiplas influências que contribuíram para a formação da cidade do Recife. Conferir no texto: Para entender o Brasil Holandês, In: *Revista Continente Documento*. Ano 1, n.1/2002, p. 4.

<sup>5</sup> As primeiras referências a povoação dos “Arrecifes” são feitas em documentos pertencentes à Vila de Olinda. A cidade do Recife nasce do porto pertencente à Olinda. A data oficial de fundação é 12 de março de

possui uma história marcada por grandes embates, constituindo-se no seu orgulho maior: ter sido berço das lutas que mudaram os rumos da história do nosso país. Nascido como um apêndice da Vila de Olinda, o povoado ou aldeia dos Arrecifes surgiu predestinado a avultar-se, apesar de durante muitos anos ter vivido em função da vila de Olinda, para a qual funcionava como ancoradouro muito seguro. Invasa pelos holandeses em 1630 torna-se o *habitat* ideal para aquele povo que sempre morara sobre as águas, razão pela qual teriam reproduzido na nova colônia uma imagem do berço holandês (Cf. DANTAS, 2002, p. 7). Fato este que, segundo o historiador Evaldo Cabral de Melo (2002), ainda confunde a cabeça de todo pernambucano, conduzindo-o à idealização de que a permanência do colonizador holandês teria sido melhor.<sup>6</sup>

Ao contrário dos portugueses, os holandeses não se adaptaram ao Brasil, tampouco se misturaram, conservando os mesmos hábitos trazidos da Holanda. Este fato fez com que a presença dos mesmos na cidade do Recife deixasse marcas profundas e peculiares naquela cidade e em sua gente. O conde Maurício de Nassau realizou no Recife uma “verdadeira revolução no âmbito de sua paisagem urbana”. Construiu palácios, templos, pontes de grandes dimensões, zôo, jardim botânico, implementou um plano urbanístico criando ruas, calçamentos, saneamento; ergueu uma nova cidade: *MauritsStadt* (Cidade Mauricéia). O Recife conheceu um período de pujante crescimento e riqueza.

Por ser uma faixa estreita de terra entre o rio e o mar, o Bairro do Recife se estruturou a partir da edificação de altos e estreitos sobrados em ruas apertadas. Alguns séculos depois, parte desse desenho arquitetônico foi alterado em função da reforma urbana ocorrida no primeiro quartel do século XX, a fim de dar à cidade um aspecto de modernidade.

---

1537. A aldeota era lugar de morada de marinheiros, pequenos comerciantes, pescadores e nativos. Fonte: Arquivo Público Estadual (Recife).

<sup>6</sup> Se seria ou não melhor a permanência dos holandeses em Pernambuco fica-se no campo das conjecturas. O fato é que foi como resultado da presença indesejada dos holandeses que o estado de Pernambuco comemorou em 2004 os 350 anos da Restauração Pernambucana. A expulsão dos holandeses ocorreu no dia 27 de janeiro de 1654, após 24 anos de resistência do povo pernambucano, para muitos historiadores o marco inicial da formação da pátria brasileira. Conferir no artigo: SAMPAIO, Dorany. Marco inicial da formação da pátria brasileira. In: *Continente Documento*. Ano 2, n. 17/2004, p. 4. Para alguns, esse teria sido o primeiro momento em que brasileiros, negros, índios e portugueses teriam se unido por uma causa comum, marcando-o como o momento que aflorara o sentimento de patriotismo no Brasil. As revoltas e as lutas do povo pernambucano em defesa da liberdade teria urdindo o sentimento de amor ao lugar. São fatos como este que dão ao povo pernambucano um certo caráter ufanista, levando-os a um exacerbado orgulho por sua história e a se considerarem o embrião do povo brasileiro.

O plano incluía aterros para ampliação da área do porto, construções de armazéns e – a mais drástica medida – a modificação do traçado urbano do Bairro, com o alargamento da Av. Marquês de Olinda e a criação da Av. Rio Branco e do cais para ampliar o fluxo de tráfego em direção ao porto. Com esse novo traçado, o que havia da arquitetura colonial veio abaixo, com as inúmeras demolições que marcaram a construção da moderna paisagem do Bairro do Recife. Com a reforma, quase todo o bairro foi demolido, arrasando o que ainda restava de exemplares da arquitetura colonial – inclusive holandesa, para a sua reconstrução seguindo o padrão haussmanniano das avenidas largas e retas. Foi nesse bairro haussmanniano do Brasil que o *Plano de Revitalização do Bairro do Recife* veio a ser colocado em prática em 1993.(LEITE, 2002, p. 117).

A prefeitura da cidade, a partir de 1993, adotou um plano de recuperação do seu bairro central, o Bairro do Recife, e posteriormente de outros bairros vizinhos - Santo Antonio e São José - ficando o conjunto conhecido como Recife Antigo. Até 1993 outros projetos já tinham sido colocados em prática, mas na sua maioria estes se limitavam tão-somente à recuperação das fachadas do seu patrimônio arquitetônico. O projeto adotado a partir de então possuía um caráter mais abrangente, buscando, além da recuperação das fachadas (restauração arquitetônica), a *revitalização* dos espaços urbanos.

O plano tinha três objetivos principais, tendo como base operacional um conjunto de três setores de intervenção: 1. transformar o Bairro do Recife em um “centro metropolitano regional”, tornando-o um pólo de serviços modernos, cultura e lazer; 2. tornar o Bairro um “espaço de lazer e diversão”, objetivando criar um “espaço que promova a concentração de pessoas nas áreas públicas criando um espetáculo urbano”; 3. tornar o Bairro um “centro de atração turística nacional e internacional”. Esses objetivos sinalizavam desde o início, o quanto a proposta estava voltada ao incremento da economia local, pretendendo tornar o Bairro do Recife um complexo *mix* de consumo e entretenimento. (...) Para viabilizar a implementação da proposta de “revitalização” urbana, foram estabelecidos alguns “elementos estruturadores”, entre os quais se destacavam: “Economia local com função central plena”, “espaço público para reunião e espetáculo”, “Manutenção e valorização do patrimônio ambiental e cultural”, “Recuperação da imagem do Bairro”. [Esses “elementos estruturadores” tinham por objetivo contribuir para] a construção de uma imagem nova da cidade, através da valorização dos usos econômicos do patrimônio cultural [nesse caso deve-se incluir também o patrimônio imaterial] e da espetacularização do espaço urbano, como forma de reativar os fluxos de investimento para a economia local. (Cf. LEITE, 2002, p. 117-119).

Vários especialistas na área, dentre eles Sílvio Mendes Zancheti, apontam a adoção desses planos de revitalização, no contexto econômico atual, como uma estratégia necessária ao desenvolvimento local.

Num mundo globalizado, onde localidades competem diretamente por investimentos produtivos, o que decide o jogo da competição são as especificidades das localidades, porque são elas que as diferenciam de outros atributos econômicos similares (...). Os atributos ambientais, culturais e históricos das cidades são aqueles que, de modo privilegiado, têm sido utilizados como base das especificidades locais. No Brasil, a aplicação de políticas locais de desenvolvimento é uma novidade. (...) A revitalização urbana, como estratégia de desenvolvimento local, aparece na cena brasileira, basicamente na década de 90. (...) Somente duas experiências brasileiras de revitalização urbana tiveram um caráter mais próximo de uma estratégia de desenvolvimento local: a do *Pelourinho*, em Salvador(BA), e a do *Bairro do Recife*, em Recife(PE). (Cf. A revitalização de áreas históricas como estratégia de desenvolvimento local. In: *site*: [www.recife.pe.gov.br](http://www.recife.pe.gov.br). p. 2-3).

Entre os estudiosos do processo de revitalização do Bairro do Recife há uma unanimidade: o projeto alterou profundamente a paisagem do bairro, deu uma nova conotação e trouxe outra perspectiva ao lugar. Mas outros aspectos são postos em debate, como o fato de alguns considerarem o projeto excludente, por recriar espaços “visivelmente segregador e socialmente asséptico” (Cf. LEITE, 2002, p. 119 – 120). No entanto a dinamização ocorrida nas áreas recuperadas levou ao bairro muito mais que as atividades que eram desenvolvidas até então: portuária, de comércio atacadista, serviços e de prostituição, que acontecia nas inúmeras favelas que existiam no local.

A área passou a concentrar atividades que atribuíram novas características ao bairro, no dizer de Zancheti (2002, p. 3), “tornou-se um novo tipo de espaço público, caracterizado como espaço de manifestação cultural alternativa e emergente”, com isso consolidando a área como espaço de lazer, diversão e turismo.

Desse modo, necessário se faz esclarecer que, apesar de o projeto possuir um caráter segregador, foi de suma importância para a consecução de um bairro que passou a ser o orgulho da cidade.

A revitalização do Recife Antigo foi o ponto de partida para uma série de mudanças que veriam a ser adotadas pelos poderes locais e que posteriormente seria parte indispensável dos projetos de desenvolvimento baseados na exploração da cultura local. O

Recife Antigo tornou-se um espaço estratégico para o desenvolvimento econômico da cidade. Além do carnaval, passou a concentrar a maior parte dos acontecimentos culturais da cidade: shows, encontros de pastoris, festival de violeiros e repentistas, festivais de serestas, festas juninas e natalinas, mais uma infinidade de outros eventos.

A possibilidade de transformar a cultura e a história local em atrativo turístico ou mercadoria para alguns, foi possível graças a sua história de resistências, confrontos, disputas e embates, a multiplicidade complexa da sua conformação sócio-cultural que fizeram desta cidade um caleidoscópio, um universo de possibilidades culturais em sendo, em se fazendo, em constante processo de acontecer. Sem contar que o Recife sempre foi uma cidade que esteve à frente do seu tempo, berço de movimentos inovadores e transformadores; nas palavras de Gilberto Freyre (1989, p. 34), “um centro de irradiação (...), [detentora de] um estilo regional susceptível e até sôfrego de transregionalizar-se” e influenciar toda a cultura brasileira.

O suposto mundo globalizado, de fato globalizado apenas em suas esferas produtivas,<sup>7</sup> pôs a nu uma realidade: no mundo ainda existe espaço para a heterogeneidade. A globalização incitou um deslocamento do sentido das coisas, revelando uma habilidade surpreendente de renovação em todos os aspectos. Para o mundo da cultura, os limites e a validade do termo universal mudaram, hoje a acepção do termo implica não apenas a oposição ao particular, aos costumes e valores locais, mas a capacidade de integração de povos diversos em uma mesma norma de sentido e o poder de irradiação a partir de um centro. “A universalização estaria associada à idéia de cultura fixada numa territorialidade ampla, integradora, capaz de expandir a partir de um núcleo comum, ‘descontextualizando’ os indivíduos e os grupos sociais de suas situações historicamente demarcadas.” (ORTIZ, 2001, p. 61)

Através do resgate e da reinvenção de suas tradições, a população da cidade do Recife procurando traduzir na sua cultura e nas suas manifestações a sua capacidade de ser

---

<sup>7</sup> Para esta afirmação parto do pressuposto de que, nas estruturas constitutivas da sociedade, a globalização ocorre de forma diferenciada. Atuando na lógica sistêmica da globalização, estão as esferas: econômica – envolvendo o plano da produção e dividindo-se em duas partes: financeira (domínio do capital) e técnica (domínio da informação e da informática); política – que molda as condições, permite a ação e fornece as bases do sistema ideológico que legitima estas ações; jurídica – que envolve as questões de apropriação de recursos, gestão externa de territórios, fronteiras e o direito internacional. Nos planos: social, religioso e cultural, a globalização não ocorre dentro da perspectiva de uniformização, unificação; pelo contrário, desperta o mundo para a percepção e o debate sobre a miséria, a pobreza, a fome, ou seja, as desigualdades sociais, étnicas e religiosas, revelando a impossibilidade do ser cidadão do mundo.

universal. Ao redimensionar a sua cultura, o Recife (seus atores sociais) vem desenvolvendo uma nova forma de ser e fazer cultural que culmina com a criação de uma imagem construída para vender. Conforme o discurso oficial, poder público e empresariado pretendem tornar, não só a cidade do Recife, mas inclusive, todo o estado de Pernambuco num pólo de atração turística eminentemente cultural, para ser reconhecido como o estado detentor das mais ricas manifestações folclóricas do país. Para tanto, desde os a década de 1990 estão sendo desenvolvidos vários projetos de incentivo ao desenvolvimento local tendo por base a cultura popular e diversas outras formas de manifestações cultural.

Nesse panorama, o Recife aparece como espaço centralizador dos acontecimentos, um espaço que procura viver em inter-relação com o tempo lá fora (o tempo da globalização), mostrando fundamentalmente que é o povo o agente, o criador, o sujeito e o divulgador de sua cultura. Para tanto, a cultura popular passa a ser “situada num lugar material”, aberta às influências externas, firmemente colocada dentro de um momento histórico específico, e que além de tudo assume uma função na escala produtiva.

Essa visão torna-se imprescindível para pensar o universo da cultura popular a partir da sua inserção no contexto da globalização, apreendendo-a como resultado do cotidiano de uma comunidade envolvida num macro contexto histórico, coexistindo com uma dada realidade, a qual por sua vez, direta ou indiretamente, incorpora as transformações do “mundo lá fora”. Ou seja, a cultura vista como movimento e transformação, resultante não apenas da inter-relação das forças internas da cultura e da sociedade (indivíduos, regras, valores...), como também do contato e do conflito com as forças externas, em constante processo de edificação.

No caso da cidade do Recife, a cultura local tornou-se o mais importante atrativo econômico, havendo destaque para a divulgação do seu caráter de multiculturalidade conjugado às riquezas naturais, ao patrimônio arquitetônico, à história marcada por lutas e resistência à dominação cultural externa. Some-se a isso o compromisso, envolvimento e interesse atuais de resgatar, manter e preservar sua memória. É um dos estados que melhor exemplificam uma das conseqüências da globalização no âmbito da esfera cultural: evidenciar as particularidades locais e, nesse caso, tornar “a cultura popular geradora de impostos, emprego e renda, [contribuindo para a] descoberta do valor agregado da cultura no produto interno bruto do país, estados e municípios”.(FERNANDES, 2004, p. 7)

Como afirma Carlos Alberto Fernandes, “é isso que os empreendedores culturais estão fazendo em Pernambuco: preservam o nosso capital cultural, agregam valor ao nosso capital social e fazem crescer nosso capital intelectual e financeiro”.(2004, p. 7)

O grande embate hoje em dia da globalização não é somente o controle das empresas, mas dos hábitos do mercado, e esses hábitos são, basicamente, formados pela cultura. É nesse contexto que os países estão se dando conta de que eles têm de preservar determinados hábitos, valores, rotinas, sentimentos, saberes e fazeres, e que este são patrimônio daquele país. Nesse contexto, o país tem duas alternativas: ou defende os seus valores, ou se aproveita disso, desse processo global, e ao invés de ser um espectador passivo, passa a ser um agente ativo, e aí também procura vender os seus produtos, com seus hábitos e valores.(FALCÃO, 2002, p. 35)

Na verdade, esse projeto deu certo em decorrência do interesse crescente pelo universo da cultura local, resultado de uma mudança muito mais ampla. Ao longo da década de 90, com a intensificação da globalização, propagou-se a idéia de um pretensão processo de *uniformização cultural*. O mundo se opôs a essa idéia de construção de tempo e espaço comum onde a alteridade não teria lugar, seria estigmatizada. Foram desencadeados movimentos de resistência a essa possibilidade. Desse processo, o mais importante foi o despertar para a necessidade de preservação da diversidade, da identidade cultural de cada grupo.

Esse cenário se apresentou para o Brasil e para o Nordeste de modo particular. Curiosamente, a região Nordeste foi uma das primeiras a eclodir essa preocupação em reabilitar, reconhecer e respeitar a sua cultura popular. Desse modo, dentre as unidades constitutivas do Nordeste, o Estado de Pernambuco foi recortado para a realização deste estudo. Mesmo que tenha surgido a necessidade de “abraçá-lo” em todas as direções, fiquei apenas com a cidade do Recife destacada por seu passado marcado por lutas e resistência à dominação cultural externa, pelo compromisso, envolvimento, interesse de resgatar sua memória, manter e preservar, manifestos pelo seu povo, suas instituições de ensino e pesquisa e seus dirigentes públicos; mesmo que com objetivos distintos, cada qual buscando interesses próprios, revelando uma disputa em torno do patrimônio cultural do Estado.

A busca de entender essas mudanças e o conseqüente processo de revalorização da cultura local despertou a vontade de compreender a cultura local em sintonia com o tempo



lá fora, ou seja, no espaço/tempo da globalização; realidade “despótica” que revelou a inexistência de “lugares fechados” e da conseqüente imbricação entre as culturas. As peculiaridades que deram a cidade do Recife o seu pretense caráter de multiculturalidade nos permite perceber como através do processo de revalorização de sua cultura e da sua história, o povo recifense continua vinculado a seu passado histórico-cultural concebendo-o como o palco dos acontecimentos que permearam aquela sociedade ontem e hoje, e assim permanecera sendo.

## BIBLIOGRAFIA

- ARRAIS, Raimundo. **Recife, culturas e confrontos**. Natal: EDUFRN, 1998.
- AZOBUEL, Roberto. Brincantes: Danças e Ritmos. In: **Jornal do Comércio** - Encarte Cultural n. 5, Recife/1998.
- DANTAS, Leonardo Para entender o Brasil Holandês, In: **Revista Continente Documento**. Ano 1, n.1/2002.
- FALCÃO, Joaquim de Arruda. O Patrimônio Imaterial (entrevista). In: **Revista Continente Multicultural**. Ano 2, n.13/jan.2002.
- FERNANDES, Carlos Alberto. A economia da cultura: fazer cultura é também gerar impostos, emprego e renda. In: **Revista Continente Multicultural**. Ano 4, n. 37, Jan./2004.
- FREYRE, Gilberto. Prefácio à edição espanhola. In: *Nordeste*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In: **Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n.49, jun/2002.
- MELO, Evaldo Cabral de. Entrevista concedida à **Revista Continente Multicultural**. Ano 2, n. 21/2002. P. 13 -17.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. Natal/RN, 2005. 180p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio grande do Norte. Disponível In: <http://hdl.handle.net/10229/13854> (Lakh - Latin American Knowledge Harvester).
- ORTIZ, Renato. Anotações sobre a Religião e a Globalização. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V.16 n. 47, Outubro/2001.
- REZENDE, Antonio Paulo. **O Recife: Histórias de uma cidade**. Recife: Fundação Cultura cidade do Recife, 2002.
- SAMPAIO, Dorany. Marco inicial da formação da pátria brasileira. In: **Continente Documento**. Ano 2, n. 17/2004.
- ZANCHETI, Silvio Mendes. A revitalização de áreas históricas como estratégia de desenvolvimento local. In: [www.recife.pe.gov.br](http://www.recife.pe.gov.br).
- \_\_\_\_\_. Revitalização do Centro Histórico do Recife – uma experiência com a iniciativa privada. In: [www.recife.pe.gov.br](http://www.recife.pe.gov.br).